

APRESENTAÇÃO

EDUCAÇÃO E FILOSOFIA NA ERA DA BARBÁRIE SOCIAL

Giovanni Alves *

"Nosso tempo está desnorteado"
Hamlet, Ato I, cena 4,
William Shakespeare

No decorrer dos últimos trinta anos de crise estrutural do capital, marcada pela intensa reestruturação capitalista, que atinge as mais diversas instâncias do ser social (com a mundialização do capital e a constituição do novo bloco histórico neoliberal, alterando a forma de ser do Estado político do capital, transfigurando a objetividade e subjetividade do mundo do trabalho), emerge nova estrutura da sociabilidade capitalista isto é, o que denominamos de sociometabolismo da barbárie, elemento qualitativamente novo da dinâmica social global que expressa desafios candentes para o pensamento e a atividade do homem.

O metabolismo social da barbárie é produto histórico das derrotas políticas da classe do trabalho no século XX. É um novo espaço-tempo histórico do processo civilizatório afetado de negação. Ele é marcado pelos múltiplos processos de negação do ser genérico do homem, processo de *dessocialização* que trava as possibilidades concretas de transcendência da ordem burguesa.

Estamos tratando de uma época histórica com uma densidade social qualitativamente nova, que expõe um novo campo de sociabilidade estranhada, marcada pelo agudo fetichismo social. Alguns falam em fechamento do horizonte utópico no Ocidente (Perry Anderson) ou ainda, esgota-

* Doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP; Professor livre-docente em sociologia da UNESP-Campus de Marília; pesquisador do CNPq; coordenador da RET (Rede de Estudos do Trabalho) e do Projeto de Extensão Tela Crítica.

mento das energias utópicas (Jurgen Habermas). Na verdade, constitui terceira modernidade do capital imbuída da lógica cultural do pós-modernismo (Frederick Jameson) que altera os referentes éticos (e estéticos) da práxis social.

A crise estrutural do capital não significa *estagnação* da economia capitalista mundial. Pelo contrário, nas últimas décadas, com a emergência da China no mercado mundial, o "sujeito" capital expande-se de forma exuberante, constituindo o admirável mundo novo da "sociedade global". *Crise estrutural* significa aguda explicitação dos limites produtivos (e sócio-reprodutivos) da ordem global do capital, expostos pela desmedida do valor e pela plethora de contradições sociais que dilaceram o ser genérico do homem na etapa avançada do processo civilizatório.

A natureza da crise estrutural do capital é a impossibilidade do sistema social realizar as promessas contidas no processo civilizatório, contradições que assumem *hic et nunc* uma dimensão qualitativamente nova. Deste modo, coloca-se com urgência a necessidade de investigações sociológicas capazes de apreender a teia complexa das novas contradições do capital e as possibilidades da práxis crítico-radical emancipatória.

Nos primórdios do século XX, Rosa Luxemburg, traduziu, no lema "socialismo ou barbárie", a encruzilhada da civilização burguesa na fase do imperialismo clássico. O socialismo do século XX, porém, foi derrotado pelo cerco capitalista do mercado mundial e pelo fracasso das experiências pós-capitalistas, incapazes de instaurar uma nova ordem social para além do capital.

Mais do que nunca, põem-se no plano do pensamento a necessidade da imaginação dialética e o compromisso epistemológico com o método histórico-materialista. Na era da barbárie social, somos instigados a constituir novos referentes teórico-categoriais, capazes de transpor o universo clássico da esquerda marxista, ainda vinculados ao paradigma praxiológico da época de ascensão histórica do capital. A

barbárie social do capital é um desafio ao pensamento e a atividade do homem que trabalha. Enfim, como constituir o socialismo necessário nas condições históricas da barbárie social? Quais os alcances (e limites) do pensamento crítico e da práxis radical de esquerda diante da ordem social da barbárie do capital? Como pensar a Filosofia e a Educação na era da barbárie social?

William Shakespeare abre sua peça clássica *Hamlet* com a aparição de um espectro que assola o Reino da Dinamarca. Na verdade, o fantasma do Rei Hamlet é *sintoma* de um tempo de barbárie que assola o Reino da Dinamarca. É interessante que Marx e Engels abrem o *Manifesto Comunista* proclamando a aparição de outro espectro: “Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo”. Eram tempos de revolução social no Continente Europeu. Em nossos dias, nos primórdios do século XXI, um espectro ronda o mundo global do capital, o espectro da barbárie social, marcado pelo desemprego em massa, precarização do trabalho e a nova precariedade salarial.

Traçando paralelos com a peça clássica de Shakespeare, podemos dizer que o capitalismo global é hoje uma imensa corte dinamarquesa. Somos todos Hamlet, príncipe da Dinamarca. Na cena IV do Ato I, Marcelo exclama: “Há algo de podre no reino da Dinamarca”. Na peça de Shakespeare, o reino da Dinamarca está assolado pelo estado de guerra e por uma aguda crise moral. Como o mundo social de Hamlet, o mundo burguês da modernidade tardia é uma época de agudos estranhamentos sociais. Coisas estranhas acontecem no mundo do capital. Na cena seguinte da peça, de Shakespeare, diante de Horácio que se assusta com o que é “espantosamente estranho” – a aparição do espectro -, Hamlet exclama: “Portanto, como estranho, deve ser bem recebido. Há mais coisas no Céu e na terra, Horácio, do que sonha tua vã filosofia.”

Ora, em seu discurso, Hamlet exige de nós nova atitude cognitiva capaz de receptionar (e criticar) o *estranho*, que é hoje o novo metabolismo social da barbárie que constitui o mundo burguês. O imperativo crítico-cognitivo de Hamlet é

também um imperativo ético-moral ou prático-sensível capaz de reaver o núcleo humano dilacerado pelo fetichismo social. A barbárie social põe como necessidade histórica, uma nova práxis emancipatória. Altera-se o sentido da Educação e da Filosofia: a primeira se põe como formação humano-crítica e a segunda como práxis crítico-reflexiva.

Como o tempo social de *Hamlet*, o tempo histórico da modernidade tardia é também um tempo de urgência moral. O solilóquio de Hamlet na cena I do Ato 3, que principia com o mote clássico “Ser ou não ser – Eis a questão”, situa nas entrelinhas o duplo imperativo moral da ação radical e da reflexão crítica. Isto é, Hamlet já acusava que o velho pensamento (e ação) contemplativa não nos serve mais. Enfim, a dimensão histórica da modernidade do capital exige uma nova *episteme* prático-sensível. Por isso, Marx diria na 11^a. Tese sobre Feuerbach: “Os filósofos interpretaram o mundo de forma diferente, porém o que importa é mudá-lo”. É expressa, deste modo, a necessidade da *práxis* cujo nexos íntimo é constituído pela ação reflexiva e pela reflexão prático-sensível. O que importa é mudar o mundo, por isso a reflexão, sem o *telos* crítico do compromisso com a emancipação social, é mera covardia. Foi nesse sentido que Hamlet, em seu solilóquio clássico, exclamou:

E assim a reflexão faz todos nós covardes/E assim o matiz natural da decisão/Se transforma no doentio pálido do pensamento/E empreitadas de vigor e coragem/ Refletidas demais, saem do seu caminho/perdem o nome de ação.

O que *Hamlet* (e Marx) critica não é a reflexão *tout court*, mas a reflexão positivista, academicista, meramente contemplativa, não comprometida com a emancipação social e a crítica efetiva do mundo burguês. Pelo contrário, hoje mais do que nunca, reflexão e ação, pensamento e atividade compõem um imperativo ético-moral capaz de recobrar a intervenção crítica estratégica comprometida com a construção do novo metabolismo social para além do capital.

Este longo excurso serviu apenas para salientar que o livro *Trabalho, Filosofia e Educação no Espectro da Modernidade Tardia* é uma relevante contribuição para uma reflexão radical no campo da Filosofia e da Educação na perspectiva do trabalho. É uma contribuição original ao pensamento crítico que resiste à *episteme* fetichizada de cariz pós-modernista. Os ensaios que compõem o livro reafirmam os princípios epistemológicos de um pensamento radical que busca recuperar, na óptica do trabalho, a dimensão transcendente da ordem social do capital. O pensamento pós-moderno que viceja na Academia é meramente contemplativo. É a reflexão covarde, como diria Hamlet. Na ordem do sociometabolismo da barbárie, o pensamento crítico comprometido com o movimento social que nega o estado de coisas torna-se uma necessidade radical, apta a reaver o núcleo humano de homens e mulheres desefetivados. Enfim, este livro é um exemplo de um novo estilo de pensamento crítico, que busca resgatar, com vigor, novas abordagens interdisciplinares (ou transdisciplinares) na área da Educação e Trabalho.